

**Manifesto.**

André Vargas diante de sua obra "Hino à liberdade negra", exposta no Atelier Sanitário, no Rio

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Aos 13 anos, quando morava em Cabo Frio, na Região dos Lagos, André Vargas começou a escrever poesia. Nascido em uma família de músicos, logo passou à composição e a montar bandas com amigos de adolescência. Ao se mudar para o Rio, frequentou a Faculdade de Letras da UFRJ, que mais tarde foi trocada pelo curso de Filosofia. Em 2012, publicou seu primeiro livro de poesias infantis, "Caraminholas — Poesias do fundo da cachola" (Ed. Multifoco), seguido em 2018 por "Roupa de camaleão" (Zit Editora). Com tal histórico, ao dedicar-se de modo mais consistente às artes visuais, a partir de 2018, a palavra não poderia deixar de ser a força central de sua produção.

Trabalhando com suportes e materiais acessíveis, como tecidos, faixas, papel kraft e contas em fios de nylon, Vargas fez da escrita um caminho para abordar questões como a ancestralidade e seu papel no circuito artístico. Algumas das primeiras obras a despertar o olhar de profissionais do meio foram "ESCR VO" (2018), pintada em vermelho sobre algodão cru com o espaço em branco entre as

VALE O QUE ESTÁ ESCRITO

COM TRABALHOS EXPOSTOS NO RIO E NO RECIFE, E PRESTES A EMBARCAR PARA RESIDÊNCIA NA FRANÇA, ANDRÉ VARGAS SE DESTACA COM PRODUÇÃO EM QUE A PALAVRA É A FORÇA CENTRAL

letras, de modo a deixar que o espectador escolha a vogal para completar o vocábulo: "EscrEvo" ou "EscrAvo"; e "Sorte" (2019), no qual o artista escreve a palavra "nunca" utilizando ape-

nas ferraduras, dispondo-as em diferentes posições. Ou ainda "Todo chão de rua é um quadro negro" (2020), performance em que escreve a frase a giz na calçada (o registro da obra foi feito em frente ao Parque Lage, endereço da Escola de Artes Visuais, referência no ensino de arte no país).

Na 12ª edição do ArtRio, em setembro do ano passado, sua série "Nas onze", na qual camisas de times de futebol são relacionadas às cores dos orixás, exposta na Galeria Vermelho (SP), foi uma das mais vistas (e fotografadas) da feira. Até o dia 22, Vargas está com a obra "Hino à liberdade negra" exposta no Atelier Sanitário, na Gamboa, no Rio, na mostra "Margens plácidas", fruto de uma residência no local, da qual também participaram a artista Sara Mosli e a pesquisadora

Gisella V. Mello. Com curadoria de Fernanda Lopes, a exposição inclui trabalhos de dois fundadores do Atelier, Daniel Murgel e Leandro Barboza. No Recife, Vargas participa com uma obra da série "Benzimentos" na coletiva "Eu não enterrei meu umbigo aqui", inaugurada semana passada na Galeria Marco Zero, com curadoria de Galciani Neves. E no próximo dia 25, ele segue para uma residência no Centre Intermondes, em La Rochelle, no Sudoeste da França, onde permanece até abril.

— A palavra sempre foi essa chave que me abriu todas essas portas. Mesmo com um foco maior nas artes visuais, continuo escrevendo poesia e compondo. Já tinha essa convivência com músicos na família, minha mãe era maestrina de coral e pintava. Então já conseguia vislumbrar essas possibilidades dadas pela palavra, mesmo que o objeto final fosse um livro ou uma parede — comenta Vargas, de 36 anos.

Antes de expor, o primeiro contato profissional do artista com o ambiente institucional foi como arte-educador. Atuando como mediador junto ao público, ele trabalhou em espaços como o Museu de Arte do Rio (MAR), o Instituto Moreira

Salles (IMS) e a Biblioteca Parque do Centro, além de ter preparado oficinas para o CCBB-RJ, o Galpão Belá Maré e o Instituto Pretos Novos (IPN).

— Elaborando trabalhos para as mediações e ativações no museu, fui percebendo que estava criando uma produção própria. Também fui forjando um vocabulário, criando referências e até compreendendo melhor as minhas próprias intenções — observa. — Tanto tempo trabalhando em espaços culturais como educação fatalmente me formou um artista com preocupações específicas. Não acredito que arte e educação sejam etapas diferentes, nem dissocio uma coisa de outra no meu trabalho.

POESIA VISUAL

Foi justamente no MAR que Fernanda Lopes conheceu o trabalho de Vargas como arte-educador, durante a coletiva "Arte, utopia, democracia. Quem não luta tá morto!" (2018), na qual foi curadora assistente de Moacir dos Anjos. Desde então, foi acompanhando a sua produção pelo Instagram, até enfim poder trabalhar com ele na residência do Atelier Sanitário.

— Foi uma parceria muito rica, até porque ele demons-

tra um interesse genuíno nessas trocas, é um artista que pergunta. Seu trabalho também abre esse diálogo com o público — destaca Fernanda. — O trabalho de André tem instâncias ao mesmo tempo complexas e cotidianas, ele muda o nosso olhar sobre coisas que estamos habituados, e depois não conseguimos mais voltar atrás no sentido original.

Curador-chefe do MAR, Marcelo Campos diz que dispositivos criados por Vargas em sua época de arte-educador até hoje são usados nas mediações do museu, como baralhos e jogos da memória. Posteriormente, Campos selecionou obras suas para exposições, como "Sorte", que fez parte da coletiva "Rual!", montada entre 2020 e 2021 no MAR.

— Já como mediador o André trabalhava muito bem com os jogos de palavras, com poesias visuais que faziam essa interação entre escrita e a arte. Depois tive a oportunidade de trabalhar com a sua produção, que passa pela tradição da poesia concreta dos Irmãos Campos, agregando outras questões, da realidade negra, da ancestralidade. Ele também trouxe uma outra forma de manifestação política, urbana, com o uso das faixas.